

## UMA LITERATURA MACARRÔNICA FRANCO-BRASILEIRA

Cláudio Veiga  
Academia de Letras da Bahia

Alguns fatos testemunham a ascendência intelectual exercida pela França em nossa, digamos, *belle époque*. Um deles terá sido a existência de escritores brasileiros que poetaram em francês, como o paranaense João Itiberé da Cunha (Jean Itiberé) e o baiano Egas Moniz Barreto de Aragão (Péthion de Villar). Outro fato terá sido o espantinho do galicismo, combatido com denodo por nossos gramáticos. Ao estudar em 1907, em seu apreciado manual os vícios de linguagem, Carlos Pereira começa criticando a ingerência do idioma francês:

Mais do que qualquer outra língua, tem o francês concorrido para abastardar ou barbarizar a norma (1).

Ao lado da inquietadora interferência do galicismo e da existência de autores nacionais que escreviam em francês, pode-se lembrar também um jovial testemunho do prestígio intelectual da França: a inesperada revanche contra o galicismo que foi a literatura em francês macarrônico que animou, por vários anos, a revista humorística – *A Careta* (2). Enquanto os nossos gramáticos criticavam aqueles

-- 10 --

que afrancesavam o vernáculo, uma seção humorística dessa revista – *La Carete Économique*, apertuguesou, por vários anos, com excelente verve macarrônica, a imperialista língua francesa.

É sabido que, por necessidade de comunicação entre comunidades de línguas diferentes, surgiram línguas mistas como o pidgin, em que o vocabulário inglês se encaixa na gramática chinesa. Mas existem casos em que, sem qualquer necessidade de comunicação, dois idiomas se acoplam, simplesmente com objetivo burlesco. Exemplo marcante é o do latim macarrônico que, havendo florescido noutros tempos, na Europa, ficou antologicamente ilustrado na comédia de Moliere *Le Malade Imaginaire*:

(...) Vivat, vivat, cent fois vivat, Novus Doctor, qui tam bene parlat,  
Mille, mille annis, et manget et bibet Et seignet et tuat.(3)

O patrono da literatura macarrônica no Brasil talvez seja Juó Bananére com seu livro *Divina Incença*, no qual se misturam comicamente o português e o italiano. O semanário humorístico *O Pirralho* fundado em São Paulo por Juó Bananére, além de divulgar essa literatura ítalo-brasileira, apresentava outro caso de macarronização, a burlesca literatura teuto-brasileira da seção intitulada *O Birralha – Xornal Allemong*. A revista *A Careta*, embora com bem menor frequência, também ofereceu a seus leitores algumas colunas escritas numa

algaravia de português e alemão, atribuída a um leitor de Santa Catarina – João Bolaxa:

Xoinville, Zanda Gadarrhina  
Brimera Xanêrra 1911

Zinhor Rhetador to Garréde

Andes de brinzipía esde garte eu tecejes muidos annas pons bára Zinhõrr e vamília da Zinhõrr. Os Allemons desde citade gõsda muido to Garréde borquê o Garréde nos esda xagobina gome os prazilêras que guer manda na nós (...) (4)

Nesse mesmo jargão germano-brasileiro, publicou a revista um supostotelegrama dirigido pelo Kaiser a Venceslau Brás, quando o Brasil rompeu as relações com a Alemanha:

Bresidentas Uencesláo  
Zanda Gadrina

Eug brodesta gondra o seu felhagaria bára ze abrobiare das minhas navios. Ze eug nong esdivesse

-- 11 --

Eug brodesta gondra o seu felhagaria bára ze abrobiare das minhas navios. Ze eug nong esdivesse zidiadas eu de enzinava a arresbeitar a crante Allemanhe. Fossê é uma lagaias de Estadounidas

(Zinhadas) Gaizer (5)

A macarronização, entre nós, do italiano e do alemão, de um lado, e a macarronização do francês, do outro lado, aconteceram em situações diferentes. Enquanto o cruzamento humorístico do italiano e do alemão com o vernáculo tinha como principal respaldo a imigração italiana e alemã, a macarronização do francês não foi um reflexo do importante fato social que é a imigração, mas o resultado da ascendência de uma prestigiosa língua de cultura, o francês, naquele começo de século. Na *Carete Economique*, macarronizou-se engenhosamente o francês como, num passado distante, alguns escritores se aplicaram em macarronizar o latim.

Poder-se-ia aplicar ao humorismo praticado pela revista *A Careta* a distinção apresentada por Bergson:

(...) il faut distinguer entre le comique que le langage exprime, et celui que le langage crée. (6)

A primeira modalidade se encontraria, por exemplo, nas charges em que, sem artifícios lingüísticos, se dá conhecimento das apregoadas inciência e urucubaca do Presidente Hermes da Fonseca. A outra modalidade se manifestaria desde os freqüentes trocadilhos até a jocosa utilização de línguas estrangeiras. A comicidade da *Carete Economique* se enquadra, normalmente, na segunda categoria apontada por Bergson.

A imitação da revista, sua seção, *Carete Economique*, se referia, mas

utilizando um francês macarrônico, ao que acontecia no Brasil, Estados e Capital Federal, e no Exterior. Vinham à tona, nessa língua burlesca, assuntos como a sempre momentosa eleição presidencial, a agricultura, a indústria, a economia, os transportes, a literatura. Seguem abaixo a recriação macarrônica do conhecido soneto de Guimarães Júnior e uma notícia a respeito do carnaval.

a) *Visite à la case paterne*

Comme le passarin qui volte au nin antique  
Depuis de longue et tenebreux inverne  
Je tant bien desejais revoir la case paterne  
Mon premier et virginal abrigue.

-- 12 --

Je entrai, un angigne carinheux et amigue  
Le phantasme telfois de l'amour materno  
Me toma par la main, m'olha meigue et terne  
Et pas à pas camigna avec migue.

Cette ere la sale, olé si je me lembre et quant!  
En qui de la lumière nocturne à la clarité  
Mes manignes et ma mère... le prant

Jorra en ondas... Resister qui peu?  
Une illusion gemait an chaque cant  
Une lembrance en chaque cant chorait. (7)

*Visita à casa paterna*

Como a ave que volta ao ninho antigo,  
Depois de um longo e tenebroso inverno,  
Eu quis também rever o lar paterno,  
O meu primeiro e virginal abrigo.

Entrei. Um gênio carinhoso e amigo,  
O fantasma talvez do amor materno,  
Tomou-me as mãos, - olhou-me grave e terno,  
E, passo a passo, caminhou comigo.

Era esta a sala (ó! se me lembro! e quanto!)  
Em que, da luz noturna a claridade,  
Minhas irmãs e minha mãe... o pranto.

Jorrou-me em ondas... Resistir quem há-de?  
Uma ilusão gemia em cada canto,  
Chorava em cada canto uma saudade.(8)

b) *Les pandegues du Carnaval*

Le bresileire est un peuve essentiellement triste, a dit une fois un chroniste qui naturellement avait perdu sa sogre quand escrivit une telle asniere. Et ouçant cette phrase autres chronistes l'ont repetue tantes fois qui au fin d'aucun temps la chose passa en julguée.

Entretant, la chose est une mentire de cet tamagne.

Et aucune feste comme le Carneval serve pour prouver le contraire. Avec effet, dites-moi, oh vous qui me lisez, a aucun lieu dans cet monde où la gent gaste tant dinheire en esguiches parfumés? De certe que non, me resposterez vous, et avec raison.

La carnaval est une feste populaire dans cet pays essencialement carnavalesque et non agricole, comme dizent aucuns estadistes avec un critere errone. Quand soent les fanfarres d'un groupe dans la plus arredeé rue du suburbe, toute la gent courre pour les janelles et pour le porton. La mere, le pere, les fils, les filles, la cosinheire, la copiere etc. etc. Touts les services fiquent parés enquant

-- 13 --

passé le cordon. Et iste n'est pas seul dans le suburbe, non seigneur. Dans toute la cité la même chose aconcece.

Et quand a prestites des clubs tout la gent se despeje des cases et vient pour l'Avenide voir, et fique au sol et à la chuve, sans manger ne beboir avec les criances au col, aucunes fois jusqu'à la madrugada!...

Et toute la gent, moces et garçons, vieils et vielles, dansent, pulent, berrent, saracotéent, enfin pintent le diable.

Comme puis affirmer que le bresileire est triste?

Non, par le contraire. Nous, bresileires, somes la gent la plus festeire et brincaillone de l'univers.

Les emigrants puis, ne se devient deixer lever par les informations des chronistes, esperant encontre ici gents qui chorent le die entier. Quand chegue l'heure de se divertir, la gent bien sait comme le fait.

Et tant que cet an nous déjà avons tenu un carnaval et pour le mois qui vient allons tenir autre, tout cet pour commemorer dignement la mort du grand patriote baron du Rie Blanc.(9)

## A MÁSCARA DA FONÉTICA E DA ORTOGRAFIA

Nos primeiros números, era mais numerosa a presença de legítimos elementos do idioma francês. E sempre permanecerão vários fatos desse idioma, alguns corretamente empregados, a maioria, porém, usada fora de propósito. O que passará a predominar são lusismos ou brasileirismos, sendo notória a ausência de expressões características do francês, a quase ausência dos inconfundíveis monossílabos *on, en, y, leur*.

Na *Carete*, o vernáculo se submeteu à fonética da língua francesa. As palavras oxítonas permanecem oxítonas: *bricaillon* - brincalhão, *feijon* - feijão. As palavras paroxítonas: a) perdendo a última sílaba, tornam-se oxítonas: *besor* - besouro, *retrait* - retrato; b) permanecem paroxítonas, transformando em e mudo a vogal da última sílaba: *cabece* - cabeça, *alavanque* - alavanca, *mede* - medo, *barouille* - barulho. As palavras proparoxítonas passam a paroxítonas: *alfandegue* - alfândega, *cérebro* - cérebro, *conegue* - cônego, *médique* - médico, *nadéguas* - nádegas. Transcrevendo quase sempre fielmente o fonetismo da língua caricaturada, a ortografia se tornou na *Carete* a marca registrada do idioma francês. Em suas páginas, a língua portuguesa desfila ortograficamente mascarada

de francês.

## OPÇÃO PELO SIGNIFICADO INDEVIDO

A *Carete Économique* tem uma predileção especial por palavras que, em português, são afetadas de polissemia ou homonímia. Veja-se o vocábulo quarto. Entre outras definições, encontram-se as seguintes:

Cada uma das quatro partes em que se divide uma unidade (...) Divisão de casa que serve de dormitório.(10)

-- 14 --

No primeiro caso, *quarto* corresponde, em francês, a *quart*. No segundo a *chambre*. Fingindo ignorar essa duplicidade, a *Carete* se inclina imperturbavelmente para a opção inadequada, mas rendosamente humorística:

Deux heures et trois *chambres*.(11)

Les amis invadaient son *quart*.(12)

A mesma estratégia se verifica no aproveitamento do substantivo *rede* que, entre outros sentidos, tanto pode referir-se à "peça feita de malha, usada para nela se dormir ou embalar", quanto ao "conjunto de estradas, de caminhos de ferro, de fios, de canais, etc., que entroncam uns nos outros".(13) Em francês, no primeiro caso, diz-se *hamac* e, no segundo, *réseau*. Tratando a *Carete* de um cabuloso empréstimo para construção de ferrovia no Ceará, estado em que a *rede-hamac* é de uso tradicional, já se pode imaginar qual a opção da revista:

Le cas de l'emprestime double pour le *hamac* de la viation cearense.(14)

A mesma opção maliciosa foi feita, estando em jogo a palavra *vela* que significa uma coisa na expressão - *acender a vela* (= *bougie*) e quer dizer outra em *navegar à vela* (= *voile*). A *Carete* não titubeia:

*les bares à bougie*.

Procede da mesma maneira, estando em jogo a palavra *terço*: "cada parte de um todo dividido em três partes" (= *tiers*) e "a terça parte do rosário" (= *chapelet*):

Mr. Malte des Alagoes rèze toutes les nuits un *tiers* à St. Antoine pour le livrer des candidatures à la mode Dantas Barreto. (15)

## DECALQUE DO SIGNIFICANTE

Considere-se o título da revista - *A Careta*. A tradução em francês é *La Grimace*. Esta é a palavra que se encontra no pseudônimo de um dos colaboradores, certamente Leal de Souza - Jean Grimace. Mas, na seção em francês macarrônico, em vez de

*Grimace* está *Carete*, isto é, o decalque do significante da palavra portuguesa. O resultado dessa operação são criações fantasistas que nada querem dizer em francês. Outros exemplos:

#### *Substantivos*

açouguier (boucher), bacciau (morue), bezerre (veau), bouraque (trou), bourrache (caoutchouc), carangueije (crabe), dinheire (argent), emprestime (prêt), gade (bétail), gaille (branche), imprese (presse), linguice (andouille), matadoir (abattoir), mese (table), partidaire (partisan), perigue (danger), perne (jambe), peuve (peuple), riquèze (richesse), seconde-foire (lundi), sobrin (neveu),

-- 15 --

sogre (beau-père), toucigne (lard), trique (blé), ugne (ongle) (16)

#### *Adjetivos*

apanigué (protégé), arruacier (émeutier), barate (bon marché), brasileire (brésilien), brincaillon (drôle), chefe (plein), duvideux (douteux), expontane (spontané), festeira (vieur), misture (melange), rendeuse (17)

#### *Verbos*

acher (trouver), acrescenter (ajouter), beboir (boire), boter. (mettre), busquer (chercher), caler (taire), deixer (laisser), empreguer (employer), escueillamber (bouailler, saloper, gouailler), escueillir (choisir), espailler (répandre), fecher (farmer), fiquer (rester), griter (crier) (18)

Por concessão, descuido ou por haver mais de um redator, às vezes, é também empregada a palavra francesa correta, o que proporcionará nesse francês macarrônico a de "sinônimos perfeitos"(!): *applause* e *applaudissement*, *boque* e *bouche*, *cacheurre* e *chien*, *die* e *jour*, *mede* e *peur*, *medide* e *mesure*, *novité* e *nouveauté* (19)

Também pode ocorrer que uma palavra modelada conforme o significante de uma palavra portuguesa venha coincidir com uma palavra já existente no francês, mas possuindo um significado completamente diverso. Assim, na *Carete*, o vocábulo macarrônico *aveu* não é mais do que a transcrição de *avô*. Mas, em francês, *aveu* corresponde a outro significado - confissão. Em virtude, pois, dessas criações fantasistas, muitas palavras se tornarão jocosamente *polissémicas*, com um significado no "francês" da *Carete*, e outro no francês propriamente dito. Enxameiam a revista esses casos de *polissemia*: *aveu* - *avô*, confissão; *casque* - *casco*, *capacete*; *chiffre* - *chifre*, *algarismo*; *calé* - *calado*, *instruído*; *chat* - *chá*, *gato*; *cousine* - *cozinha*, *prima*; *fique* - *fígado*, *figo*; *faim* - *fama*, *fome*; *garce* - *garça*, *prostituta*; *genre*, *genro*, *gênero*; *mère*, *mero*, *mãe*; *pain*, *pano*, *pão*; *pere*, *pera*, *pai*; *pou*, *pó*, *piolho*; *poudre*, *podre*, *pó* ou *pólvora*; *poule*, *pulo*, *galinha*; *sel*, *selo*, *sal*; *sol*, *sol*, *solo*; *tête*, *teta*, *cabeça*.(20)

Por força dessas criações, a língua francesa, como foi visto, se *enriquece* com inúmeras polissemias que produzem um inevitável estranhamento humorístico. Causará, com efeito, uma cômica surpresa encontrar a palavra *garce* não significando, como era de esperar, *prostituta*, mas simplesmente o pernalta da fábula de La Fontaine, *le héron*, isto é, uma *garça*. *Père* não será *pai*, mas *pera* (*la poire*). *Mère* deixa de ser mãe para

significar o adjetivo *mero*. *Genre* longe de indicar, naturalmente, *gênero*, será a tradução de *genro*. E *gendre* que, na verdade, corresponde a *genro*, designará *gênero*. As palavras passam, dessa maneira, a representar uma comédia cujos personagens trocassem de papel, como sucede em Marivaux.

-- 16 --

## O BAL MASQUÊ DOS SUBSTANTIVOS PRÓPRIOS

A carnavalização com que a *Carete* metamorfoseia o momento não podia deixar de envolver o nome das personalidades que, então, ocupavam a cena: Hermes da Fonseca, Pinheiro Machado, Quintino Bocayuva, Seabra, entre outros. Alguns nomes se travestiam mediante o decalque do significante: Borba - Borbe, Barbosa - Barbeux, Braga - Brague, Pacheco - Pachèque; Peçanha - Peçaigne, Silveira - Silvière, (21) etc. A vis comica se tornava mais eficaz quando as palavras permitiam uma fecunda exploração do significado.

Tal aconteceu, por exemplo, com o sobrenome de um famoso político da época Pinheiro Machado que aparece fantasiado de *Pin Hache*. Vai mais longe a revista, ao descobrir gratuitamente um significado em sílabas nada significativas. É assim que o sobrenome do Marechal Presidente se metamorfoseia em *Font Seche*. O mesmo se deu com o político baiano Seabra, transformado em *Seouvre*. Pode acontecer que um sobrenome seja, às vezes, traduzido pelo significado, às vezes, decalcado em seu significante: *Pin Hache* e *Pignier Maché*, *Font Sache* e *Fonseque*. Excepcionalmente o nome de batismo é traduzido a partir de seu pretense significado: o deputado baiano Arlindo (Fragoso) se torna *Airjoli* (*Fragueux*). A norma é a simples tradução: Carlos - Charles, ou o descalque do significante: Francisco - Francisque.

Ora com a roupagem do significado (ou pseudo-significado), ora com a roupagem do significante, desfilam na *Carete* personalidades daquele momento: Ruy Barbeux - Ruy Barbosa; Quentin Bouche et Raisin - Quintino Bocayuva; Olivier Bouteille - Oliveira Botelho; Bezerre de Carvaille - Bezerra de Carvalho; Joseph Charles de Chêne - José Carlos de Carvalho; Osoire Duc Chemin - Osório Duque Estrada; Dantes Barrete - Dantas Barreto; Louis Dimanches - Luís Domingos; Caetan de Ferait - Caetano de Faria; Coin Hache - Cunha Machado; Gilke Hache - Gilka Machado; Irénée Hache - Irineu Machado; Riviere Jonquier - Ribeiro Junqueira; Fabie Lumiere - Fábio Luz; Pierre Lac, Lague - Pedro Lago; Lapin Petit Fils - Coelho Neto; Octave Mangabiere - Otávio Mangabeira; Borges de Mediers - Borges de Medeiros; Jérôme Montier - Jerônimo Monteiro; Delfim Murier - Delfim Moreira; Nicaneur Naissance - Nicanor Nascimento; Felix Pachèque - Félix Pacheco; Verdoyant Olympe de Tours Pavillon - Esmeraldino Olímpio Torres Bandeira; Nil Peçaigne - Nilo Peçanha; Charles Petit Porc - Carlos Leitão; Châtre Petit Poulet - Castro Pinto; Eugene Petit Taureau - Eugénio Tourinho; Epitace Personne - Epitácio Pessoa; Afrane Poissot - Afrânio Peixoto; Rose et Forét - Rosa e Silva; Raoul Seulaires - Raul Soares; Regue Terres Mouillées - Rego Barros; Joseph Vache Neuve - José Bezerra; Vasavectimbres - Vasconcelos; Jules Volé - Júlio Furtado.(22)

Orientados, ora pelo significado, ora pelo significante, os topónimos também entrarão nesse jogo: Bois Gros - Mato Grosso; Caisse Clous - Caixa Pregos; Le Corcové

O Corcovado; Fleuve de Janvier - Rio de Janeiro; Place de la Hache - Largo do Machado; Met Feu, Boutefogue - Botafogo; l'Ouvreur - Rua do Ouvidor; Plaie Arpoateur - Praia do Arpoador; Plaie Vermeille - Praia Vermelha; Port Gai - Porto Alegre; La Tijuque - a Tijuca.(23)

Entre os substantivos próprios que entram nesse processo de macarronização se encontra um que não é português - Shakespeare, que também envergará a sua fantasia: "Jacques Pires, le génial dramaturge anglais".(24) Já não estamos longe da "baita limosina Rosróis" de Oswald de Andrade.

A FRASEOLOGIA - Os redatores de *Carete* empregam, esporadicamente, construções que obedecem às normas da língua francesa:

Tirons les conséquences qui sont logiques.(25)

E encaixam, de vez em quando, corretas alusões literárias como esta, originária de La Fontaine:

La candidature du sénateur Champs Salles (...)  
ne contenta ni tout le monde ni son pere.

E até reproduzem as palavras de Francisco I, derrotado em Pavia: "Tout est perdu, fors l'honneur".(26) Mas, ao citarem a conhecida sentença de A. Karr: "Plus ça change plus c'est la même chose", não hesitaram em adaptá-la ao molde macarrônico da seção: "Quant plus ça mude, plus c'est la même chose".(27)

Este é o costumeiro procedimento da *Carete* - dobrar o texto ao esquema das construções de nosso idioma. A sua usual fraseologia nada tem a ver com o *Dictionnaire des Galicisms* de Ed. Pradez, (28) nem com *Les Locutions françaises* de Pierre Guiraud,(29) nem com *La Puce à l'oreille* de Cl. Duneton. (30) Todas as expressões que vão abaixo, e muitas outras, serão compreendidas, consultando-se as frases feitas de João Ribeiro (31) e o Tesouro da Fraseologia Brasileira de Antenor Nascentes: (32)

pour *anglais* voir  
nous ne sommes *bahou* d'aucun  
mettre les *barbes* de mouille  
dans le *bois* sans cachorre  
*bois* d'eau  
ces *bois* d'oranger  
un *bois* pour un oeil  
*cavie* d'âne  
le Brésil doit les *cheveux* de la tête  
ouvrir le *chambre*  
Je suis arare pour tomber de *cheval* maigre?  
un *Dieu* nous accoude  
tomber dans l'*esparrelle*



dans l'apaguer des *lumières*  
les politiques botent ses *manguinhes* de fourre  
par l'heure de la *mort*  
l'*oeil* de la rue  
custer les *yeux* de la care  
*pancadarie* de crier biche  
le contribuable *paye* toujours les impôts *sans boufer*  
nous n'avons pas nade avec le *poisson*  
*santinhos* de bois ouque  
boter *suif* dans les canelles  
enquant Braise est *thésorier* (33)

Outras constatações poderiam ser feitas sobre as locuções, a colocação, a atenuação e intensidade, a mistura de níveis.

\* \* \*

A língua mista empregada na *Carete* não é a caricatura da fala de imigrantes. É uma criação de letrados que conheciam a fundo a língua, a literatura e a civilização francesas. Embora sem preconcebida idéia de revide, tiraram, de fato, uma alegre desforra, uma *revanche*, contra o *imperialismo* lingüístico da França. Mas, no fundo, se trata de uma peregrina manifestação de francesia. A *Carete* só podia surgir num momento todo impregnado de influência francesa, em favoráveis condições de criação e recepção. Supunha ou exigia circunstâncias que existiam no começo do século, quando a língua francesa tinha, de fato, no Brasil, um tratamento privilegiado.

Com o quase ostracismo atual do idioma francês no Brasil, mesmo que aquela seção da popular revista fosse escrita com o mesmo engenho e criatividade, ou precisamente por causa de tais virtudes, seriam menos numerosos os seus leitores. Para captar toda a malícia daquelas páginas, seria preciso que o leitor de hoje soubesse ler e saborear uma página escrita em francês de certo nível. Com efeito, a *Carete* está pejada de alusões históricas e literárias e de subentendidos de natureza lingüística. Seus autores produziam um texto capaz de contrariar comicamente uma expectativa, de usar desvios comicamente perceptíveis, enfim, de criar um texto comicamente alusivo. Prevenido com seus conhecimentos da língua francesa, o leitor, falante de língua portuguesa, se deliciava em medir a distância que existia entre os signos expressos e os signos evocados, em avaliar quanto estava humoristicamente diverso do francês correto aquele francês macarrônico da revista. Em resumo, tratava-se de um texto, de certa maneira enigmático para quem conhecesse unicamente o francês ou o português, mas dotado de alusiva transparência para quem dominasse os dois idiomas.

Se, com pouca felicidade, um autor daqueles tempos, Afrânio Peixoto, aliás Afrane Poissot, definiu a literatura como "o sorriso da sociedade", (34) com alguma razão, talvez

se possa dizer que a *Carete Economique* foi uma das mais espirituosas manifestações do riso em nossa *belle époque*.

## NOTAS

(1) Eduardo Carlos Pereira, *Gramática expositiva - Curso Superior*, 70a. ed., São Paulo, Editora Nacional, 1948, pág. 274.

(2) De elevado padrão gráfico e humorístico, teve *A Careta* uma longa existência (1908-1960). Ainda em seus começos, aproximadamente durante os quadriênios de Hermes da Fonseca (1910-1914) e Venceslau Brás (1914-1918), animou as suas páginas a seção intitulada - *La Carete Economique*, objeto deste trabalho.

Era diretor-proprietário da revista Jorge Schmidt que, além de ter sido o fundador da *Fon-Fon*, anteriormente o fora da *Kosmos*. Consideravam-no como o "Napoleão das Artes Gráficas". O redator era Mário Bhering. Foi ele quem escolheu o nome do semanário e lhe imprimiu a risonha filosofia. Secretariava o órgão o poeta Leal de Souza. Entre os colaboradores, por sua verve e sua freqüência, distinguia-se Bastos Tigre, o D. Xiquete. Cabia a ilustração ao grande caricaturista J. Carlos.

Mário Bhering foi o criador da *Carete Economique*, embora não se possa descartar a colaboração de Leal de Souza e Bastos Tigre. Foi mínima, quase inexistente a participação de J.Carlos. Surgindo num momento em que a língua francesa gozava de grande prestígio no Brasil, a *Carete Economique* apresentava um texto escrito numa língua humoristicamente mesclada, franco-brasileira, ou mesmo, franco-carioca.

(3) Moliere, *Le Malade imaginaire*, troisieme intermede.

(4) *A Careta*, Rio de Janeiro, 14-01-1911.

(5) *A Careta*... 07-07-1917.

(6) Henri Bergson, *Le Rire*, Paris, Librairie Félix Alcan, 1925, pág. 104.

(7) *A Careta*... 22-07-1916.

(8) Guimarães Júnior apud Alberto de Oliveira, *Páginas de ouro da poesia brasileira*, Rio de Janeiro-Paris, Garnier, 1911, pág. 302.

(9) *A Careta*... 02-03-1912.

(10) *Dicionário Enciclopédico Koogan Larousse Seleções*, 1, Rio de Janeiro, Reader's Digest, 1981.

(11) *A Careta*... 30-03-1912.

(12) *A Careta*... 11-11-1913.

(13) *Dicionário Enciclopédico Koogan Larousse Seleções*...

(14) *A Careta*... 14-09-1912.

(15) *A Careta*... 09-12-1911.

(16) *A Careta*... passim.

(17) *A Careta*... passim.

(18) *A Careta*... passim.

-- 20 --

(19) *A Careta*... passim.

(20) *A Careta*... passim.

(21) *A Careta*... passim.

- (22) *A Careta*... passim.
- (23) *A Careta*... passim.
- (24) *A Careta*... 06-06-1918.
- (25) *A Careta*... 18-01-1913.
- (26) *A Careta*... 28-12-1919.
- (27) *A Careta*... 17-07-1912.
- (28) Ed. Pradez, *Dictionnaire de gallicismes*, Paris, Payot, 1949.
- (29) Pierre Guiraud, *Les Locutions françaises*, PUF, 1961.
- (30) Claude Duneton, *La Puce à l'oreille*, Paris, Stock, 1978.
- (31) João Ribeiro, *Frases feitas*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1909.
- (32) Antenor Nascentes, *Tesouro da fraseologia brasileira*, Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1945.
- (33) *A Careta*... passim.
- (34) Afrânio Peixoto, *Panorama da Literatura brasileira*, 2a. ed., São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1947, pág. 7.